

VIRAWART™

AÑO III, Nº 13 - 14, 2008

4,80€



ONIK SAHAKIAN

FRIDA KAHLO

DOINA LEVINTZA

SONIA DELAUNAY

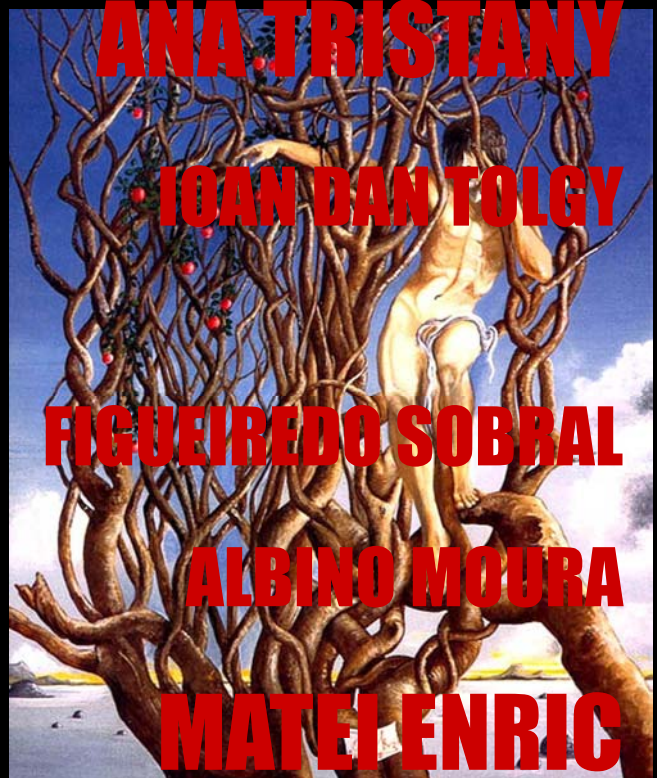
ANA TRISTANY

IOAN DAN TOLGY

FIGUEIREDO SOBRAL

ALBINO MOURA

MATEI ENRIC



ANA TRISTANY



Confesiones de una pintora portuguesa

Na minha infância, quando eu era pequenina aquilo de que mais gostava era de me escapular da sala de aula para o Barracão das Pinturas. E por lá ficava embrenhada, com argila nos cabelos e tintas até aos cotovelos, alheada do tempo e das horas, num fascínio sem fim pelas cores e pelas formas. Fui parar ao local de ensino certo, grandes espaços com jardins deslumbrantes, rodeados pela frondosa mata de Monsanto e que, acima de tudo, privilegiava as artes. Um paraíso, uma melodia que soava perfeita aos meus ouvidos de criança e que terminou drasticamente quando os meus progenitores descobriram um dia que o seu rebento, em plena segunda classe, não sabia ler nem escrever e muito menos fazer contas!

Transferida a meio de uma segunda classe para um colégio de dominicanas de ensino misto até à 4ª classe, foi lá que aprendi a ler e a escrever; teve mesmo que ser. Mas foi também lá que aprendi a evadir-me através dos sonhos. Era tão bom sonhar, não havia muros, não havia leis, nem regras e deveres estabelecidos. No recreio, com os meus amigos à volta, a minha fantasia

transbordava de catacumbas com esqueletos, de tesouros escondidos, de esconderijos e de um sem fim de mundos e lugares desconhecidos no tempo e no espaço.

Foi também por esta altura que em casa da minha avó tive o meu encontro em terceiro grau com os livros. A casa da minha avó era um dos lugares mágicos da minha infância onde me faziam sentir especial, única. Havia paz e um silêncio que aprendi a amar. E livros, montes de livros que me abriram portas sem fim para o mundo dos sonhos.

Por volta de 1975 fui parar a um colégio de franciscanos. Depois da revolução de Abril, o colégio tinha

feito duas concessões importantes: passar a aceitar raparigas (tinha uma única colega na turma) e substituir o director que usava judiciosamente o poder das reguadas por outro mais comedido, que foi imediatamente alcunhado de “o Bolacha”. Aqui tenho de agradecer à minha mãe a sua obstinação em não me querer num colégio só de raparigas. Isto, aliado ao facto de ser a única rapariga em casa, deu-me um calo extraordinário em lidar com rapazes. De saias, pois não era bonito uma menina andar de calças, aprendi umas vezes a bem e muitas (mas mais divertidas) a mal, a impor-me.

Nesses tempos estava assente que nós tínhamos de aprender, como, quando e onde os professores queriam. Ponto final. Aliás, uma das frases sacramentais da época exemplifica bem esse ponto de vista “Quando o mar bate na rocha quem se lixa é o mexilhão”. Havia mesmo alguns professores que, com receio de que nas nossas mentes jovens pudessem existir dúvidas, chegavam a especificar que nós é que éramos “o mexilhão”. Anos mais tarde quando comecei a leccionar, ainda tentei usar essa frase como uma piada mas os



alunos ficavam a pensar se eu seria uma extraterrestre pelo que tive de actualizar as minhas piadas.

Dos seis anos de educação franciscana ficou-me o gosto por tudo o que é simples, o fortalecer das minhas incertezas, a minha força de vontade em levar avante causas perdidas, o poder ser enganada por todos sem perceber nada, a minha necessidade de ordem e de ouvir o silêncio.

Os fins-de-semana e férias eram passados numa quinta da família. Nós éramos, segundo os meus pais, uns privilegiados e uns felizardos pois não precisávamos, como os outros meninos que, coitadinhos, não tinham nenhum sítio para onde ir, de brincar na rua, ir ao cinema, andar em clubes ou escuteiros, etc, etc. A esta quinta devo sem dúvida uma grande parte do que sou. A liberdade de correr pelos campos, o respeito e admiração que tenho pela natureza, o gosto por tudo o que é antigo, a descoberta dos meus desportos favoritos (explorar ruínas e subir às árvores para apanhar fruta), a minha paixão pela genealogia, pelo restauro e claro a minha saga com os musgos do jardim. O jardim era uma maravilha de traça francesa, com cedros que três homens não conseguiam abraçar e buxos que eram considerados pelo seu porte como únicos. Mas aos caminhos cobertos de musgo ninguém ligava. Assim, por volta dos treze anos tomei a meu cargo os ditos musgos. Todos os anos era necessário arrancar uma a uma, as ervas daninhas do musgo, num trabalho metódico e de enorme paciência. Começava sempre pelos caminhos mais escondidos e pouco frequentados pois tinha a sensação de que se começasse pelos principais nunca teria coragem e perseverança para chegar àqueles onde ninguém ia.

A Quinta foi também para mim uma escola de vida e uma aventura permanente, um local onde tudo era possível acontecer. Servia, e serve ainda, como depósito a cães, coelhos, canários, primos, etc., cujos donos ou pais vão de férias e não têm onde os deixar. Foi refúgio de cães abandonados, alunos mongolóides da minha mãe que viviam em barracas e não tinham onde passar férias; velhotes de quem ninguém queria saber; e incontáveis amigas da minha mãe cujos maridos as haviam abandonado temporária ou definitivamente. Enfim, toda uma fauna que fazia com que eu nunca soubesse onde ia dormir a noite seguinte. De tudo isto ficou-me a vontade de querer levar para casa tudo e todos os que estivessem abandonados ou infelizes. Mas também uma má vontade crónica em ceder a minha cama a outros...

Aos catorze anos decidi que queria ser jornalista para me escapar à Matemática e ponto final. Muito embora os esforços conjugados dos meus educadores tivessem dado frutos na área da escrita e da leitura, o mesmo não se podia dizer do campo matemático. Sempre manca e a tropeçar, aquelas abstrações numéricas foram algo que me acompanhou como um pesadelo que parecia não ter fim. Por isso nada mais aliciante do que o jornalismo pensava eu, entre as faíscas dos meus neurónios e *vade retro* Matemática.

Felizmente, as coisas não são sempre como gostaríamos que fossem e foi aqui que descurei momentaneamente um factor crucial para a minha posterior decisão de seguir Belas Artes: a minha teimosia de jerico. Pois se havia algo de certo na minha vida, era o meu sonho de poder voltar a brincar com as cores, aquelas minhas velhas amigas do Barracão, e dar corpos às fugidias formas que vislumbrava nos mundos por onde a minha fantasia se passeava. Não era com certeza a Matemática que me ia afastar dos meus desígnios! E segui em frente a todo o vapor, sobrevivi e brilhantemente (ironia do destino), às terríveis Matemáticas do Unificado, atingindo o meu objectivo: entrar numa das mais peculiares faculdades deste país, a Escola de Belas Artes.

Escultura foi uma decisão tardia, feita já a meio do curso. A Pintura era demasiado complexa nas Belas Artes, os professores de Pintura eram assustadoramente herméticos, o ambiente das salas de Pintura era asfixiante feito de salas superlotadas e semi-escuras. A Escultura foi uma opção de respeito pela liberdade de criar, salões enormes, solitários e luminosos. Um mundo de tecnologias e materiais fascinantes, a clássica pedra, a madeira quente e perfumada, o brilho e a maleabilidade dos metais, a pureza do gesso, as sensações primitivas de moldar o barro e as possibilidades infinitas dos plásticos. Um mundo irresistivelmente rico em conhecimentos que me fascinou e me deixou recordações inesquecíveis inolvidáveis.

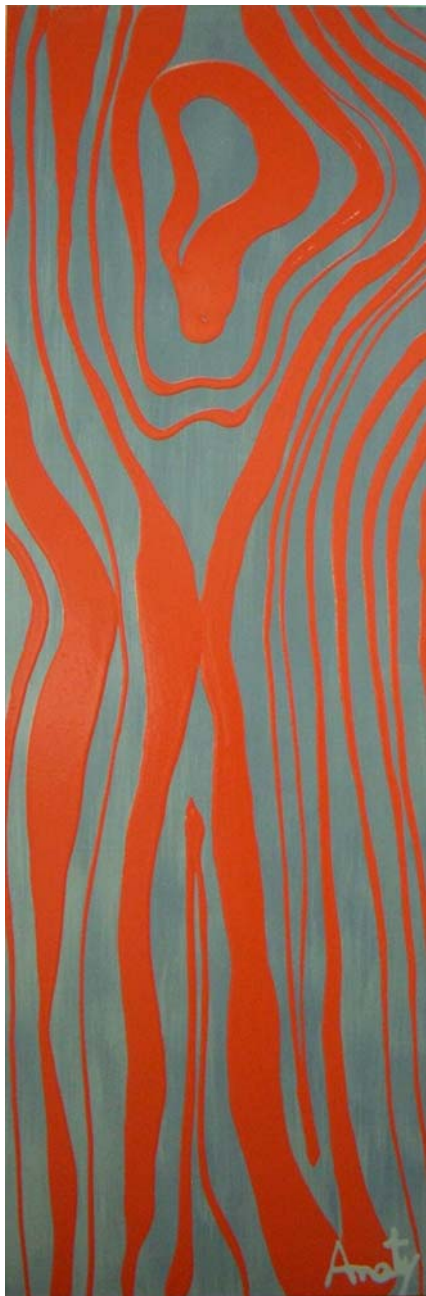
Apesar de ter tentado arrastar o mais possível a minha passagem por esses idílicos lugares (é tão boa a vida de estudante e melhor ainda é a vida de um estudante de arte) acabei mesmo por ter que sair para o mundo real.

Ser professora de artes reúne tudo aquilo que eu sempre esperei numa profissão: o risco do inesperado, o desafio de novas experiências, o convívio, os espaços amplos e acima de tudo a liberdade física de não estar fechada num escritório.

A constituição da família levou-me a dedicar-lhe toda a minha criatividade. Depois foi o exílio por terras mais frias (Canadá) e o absorver de muitas experiências novas e outras formas de encarar a vida. Com o regresso a casa e o fim do esforço despendido nas fraldas e papinhas houve finalmente uma aberta para regressar ao campo artístico. Voltar a pintar foi o meu regresso ao Barracão das Pinturas da minha infância, o meu paraíso perdido e reencontrado.

Criar algo de novo, seja uma sobremesa, uma obra de arte ou um filho é único e irrepetível... e na nossa vida para tudo há um tempo...

EXPOSIÇÃO DE PINTURA DE **ANA TRISTANY**



Dentro das diversas categorias passíveis de situar a pintura de Ana Tristany, poderíamos falar de *expressionismo abstracto*, *pintura matérica*, *gestualismo*, *action painting* ou *dripping*, entre tantas outras correntes que alcançaram o seu carácter específico quer pelas técnicas quer pelas soluções espaciais que apresentaram dentro do denominador comum que é a Arte Informal.

Ao restringir o seu trabalho a uma destas noções corre-se o risco de uma qualificação imprópria, insuficiente ou de mau uso dos conceitos, podendo essa relação entre o conceito e a obra atingir um grau elevado de contradições.

Não me centro na técnica, centro-me na pintora. Quer se trate de arte abstracta ou de arte não figurativa, o trabalho de Ana Tristany está para além do âmbito das discussões em torno da abstração, situando-se numa categoria muito mais vasta que é a de “obra aberta”, postulada por Humberto Eco em 1962, altura em que na Europa se assistia à proliferação de objectos de arte cujas formas indeterminadas convidavam o fruidor a participar activamente na sua construção e concretização.

Diante do trabalho de Tristany estamos perante um conjunto de pinturas em que as expressões, as manchas ou os signos aos quais a artista não atribuiu intenção, são passíveis de adquirir múltiplas e novas possibilidades de leitura, desafiando o observador a dotá-las de significado, tornando-se este processo numa ferramenta fundamental para a “conclusão” das composições.

O seu trabalho torna-se assim, uma forma de investigação que realiza em parceria com quem observa, uma elaboração mental entre produtor e fruidor que não se sabe até onde vai nem de onde parte.

à rapidez de execução postulada pelos informalistas como valor primordial, Tristany opõe uma pintura de duração que, ao invés da obsessão subjectivista daqueles, procura uma objectivação do processo – *dripping* – longe de se entregar meramente à repetição de gestos, rasgos e manchas desconexos, mas antes procurando dotá-los de continuidade orgânica, convertendo aparências informais em formas globais e enriquecidas estruturalmente.

O termo *dripping*, de uma forma geral, reflecte um conjunto de manifestações diversas, muitas vezes anárquicas, caracterizadas tanto pela liberdade na escolha de materias e suportes como pela liberdade na criação de obras sem que nelas intrevenha qualquer organização voluntária, ordem ou esquema pré-estabelecidos, daí resultando um denso emaranhado linear e pontilhista, por vezes caótico, prevalecendo a matéria disposta mais ou menos ao acaso.

No entanto, em contacto com a obra de Ana Tristany percebemos desde o início que trabalha em plena posse dos recursos técnicos e plásticos e, sobretudo, que os une à sua enorme intensidade intimista e tremendamente poética.

Mais do que um conjunto de relações entre diferentes cores, a sua pintura é um veículo para expressar emoções, uma mescla entre cor e matéria onde podemos sentir o movimento do braço e do pulso, numa

energia gestual espontânea onde a tinta é jogada, espirrando, gotejando e manchando as superfícies, habitando-as de efeitos visuais potenciadores de significados.

Distanciando-se do gestualismo de carácter visceral, destaca a “abolição” da forma bidimensional na composição, substituindo-a por zonas de matéria pictórica muito elaboradas que chegam a criar verdadeiros relevos, numa busca incessante pela matéria que, no fundo, está na base da sua formação enquanto escultora.

Transversal ao seu percurso, a ideia de que o ensino artístico perturba a carreira de um artista plástico não cabe na definição do trabalho que Ana Tristany tem desenvolvido ao longo dos anos com os seus alunos, nomeadamente no Colégio Militar. Dinamizadora de inúmeros projectos pedagógicos de vertente artística, o desenvolvimento do trabalho plástico em contacto directo com os seus alunos, privilegiando a pintura e a escultura enquanto caminhos para a indagação e experimentação, tem-lhe possibilitado abrir caminhos de inovação pedagógica promissores.

A sua curiosidade e rigor intelectual, bem como a preocupação em fundamentar a acção pedagógica devidamente articulada com as estruturas directivas do Colégio Militar, têm sido os estímulos que a levam a percorrer estes territórios de pesquisa e reflexão plástica enquanto complemento das capacidades intelectuais e físicas dos alunos, contribuindo decisivamente para o despertar de sentidos que, por vezes, são alheios aos educadores.

O trabalho desenvolvido por Tristany é um trabalho de *acção*, quer na vertente artística quer na vertente pedagógica, que se traduz não num simples jogo de extravagância formal e cromática, mas enquanto ferramenta de ensino que sistematicamente utiliza de forma planeada e ampla, numa espontaneidade que busca a expressão directa da imaginação.

ÁLVARO LOBATO DE FARIA

Director Coordenador do MAC

